

MUDANÇA NA ADIPOSIDADE ABDOMINAL DOS IDOSOS PERTENCENTES AO ESTUDO DE COORTE “COMO VAI?”

LAÍZA RODRIGUES MUCENECKI¹; PRISCILA MOREIRA VARGAS²; BRUNA CELESTINO SCHNEIDER³; CAROLINE DOS SANTOS COSTA⁴; MARIA CRISTINA GONZALEZ⁵; RENATA MORAES BIELEMANN⁶

¹Universidade Federal de Pelotas - laiza.rm@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - priscila.mvargas@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - schneider.bc@ufpel.edu.br

⁴Universidade Federal de Pelotas - carolinercosta@gmail.com

⁵Universidade Católica de Pelotas - cristinagbs@hotmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas - renatabielemann@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A população idosa brasileira apresenta-se em constante crescimento. Os idosos com 65 anos ou mais representarão um quarto da população total em 2060 (25,5%), enquanto em 2018 representavam 9,2%. Estima-se, ainda, que o país configurará um perfil demográfico marcado pela ascendência da terceira idade em relação aos jovens de até 14 anos. (IBGE, 2018)

Individualmente, o envelhecimento acarreta um conjunto de alterações físicas, dentre elas, as modificações da composição corporal relacionadas ao tecido muscular, ósseo e gordura. (FALSARELLA et al., 2014). Em meio a isso, o aumento da adiposidade abdominal nos idosos frequentemente é apresentado na literatura associado a diversas doenças. (SILVEIRA et al., 2018)

Estudos de acompanhamento dos idosos vêm sendo realizados e são úteis para o fim de identificar suas tendências e desfechos de saúde-doença (BAHAT et al., 2015) e, com isso, subsidiar dados concretos para o planejamento de ações e programas voltados a este segmento etário. A partir disso, o presente trabalho tem como objetivo apresentar a mudança na adiposidade abdominal dos idosos pertencentes ao estudo de coorte “COMO VAI?” do período entre o ano de 2014 a 2019-20.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de coorte realizado com idosos não institucionalizados com 60 anos ou mais de idade, residentes na zona urbana de Pelotas/RS. Inicialmente, os participantes foram recrutados em 2014 no inquérito transversal de base populacional “COMO VAI?” - Consórcio de Mestrado Orientado para Valorização da Atenção ao Idoso. Os idosos que não conseguiram responder o questionário por incapacidade mental e na impossibilidade do auxílio de um cuidador foram considerados inelegíveis ao estudo.

Entre janeiro e agosto de 2014, após a seleção da amostra, as entrevistadoras treinadas e padronizadas realizaram a aplicação de um questionário, testes físicos e aferição de medidas antropométricas (peso, altura do joelho, circunferência da cintura e panturrilha) em domicílio, a 1.451 idosos. Este trabalho ainda utiliza dados da terceira fase do estudo, a qual foi conduzida de setembro de 2019 a março de 2020, sendo realizadas também entrevistas, tomada de medidas antropométricas e exames físicos, assim como em 2014. Esta fase do estudo necessitou ser interrompida anteriormente ao previsto (março de 2020) devido as medidas

sanitárias de distanciamento social decorrentes da pandemia do vírus Sars-CoV-2. Nesta fase, 537 participantes foram reavaliados. Utilizou-se, para fins deste trabalho, os dados da primeira e terceira entrevistas realizadas.

A circunferência da cintura (CC) foi aferida com fita métrica não extensível diretamente sobre a pele na região mais estreita do tronco e a adiposidade abdominal foi considerada quando os valores obtidos fossem >102 cm para homens e >88 cm para mulheres. (WHO, 2008)

Para determinar a variação das medidas de CC do ano de 2014 a 2019/20 considerou-se a metodologia descrita por ARAUJO et al. (2020), admitindo a diferença de 5% na medida da CC mais atual para a coleta anterior. Assim sendo, os idosos que apresentaram diferença maior ou igual a +5% tiveram ganho de CC, assim como os que apresentaram diferença menor ou igual a -5% tiveram perda de CC. Os demais entrevistados apresentaram estabilidade nessa medida antropométrica.

Para as análises estatísticas utilizou-se o software Stata 16.1 e para a verificação de possíveis diferenças entre os idosos localizados ou não em 2019-20 em relação a amostra de 2014 foram utilizados os testes qui-quadrado de Pearson.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, em 2014, foram localizados 1.844 idosos, dos quais 1.451 (78,7%) foram entrevistados devido as perdas e recusas. Em 2019-20 foram entrevistados 537 idosos.

Foram analisadas as características sociodemográficas, comportamentais e de saúde dos dois acompanhamentos. Nesse sentido, a respeito da linha de base de 2014, a amostra apresentava as seguintes características: a maioria dos idosos era do sexo feminino (63%), tinha idade entre 60 e 69 anos (52,3%), era de cor de pele branca (83,7%), era casado ou vivia com o companheiro (52,7%), pertencia a classe econômica C (52,5%), relatou até oito anos de estudo (54,4%) e não fumava (54%). Aproximadamente um terço dos idosos tinha a qualidade da dieta classificada como baixa (33,7%). Além disso, a maioria dos participantes não praticava 150 minutos de atividade física semanal (62%) e tinha diagnóstico de pelo menos cinco doenças (64,7%). O diagnóstico de depressão foi relatado por 15,2% dos idosos, 27,4% apresentaram dependência para a realização de pelo menos uma atividade e quase 36% dos idosos utilizava cinco ou mais medicamentos de forma contínua.

À respeito da amostra avaliada em 2019-20 em relação ao *baseline* de 2014, esta diferiu-se em alguns pontos: apresentou maior proporção de idosos da faixa etária de 60 a 69 anos (52,3% vs. 58,4%), casados ou vivendo com companheiro (52,7% vs. 57,5%) e independentes para realização de atividades (63,9% vs. 66,9%).

Com relação à adiposidade abdominal nos idosos, a proporção passou de 53,8% em 2014 para 57,4% em 2019. Se fossem considerados todos os idosos entrevistados em 2014, a prevalência naquele ano seria de 50,4%. Quanto às mudanças na circunferência da cintura, 58,7% apresentaram-se estáveis, enquanto mais indivíduos ganharam (25,6%) do que perderam (15,6%) CC. (Figura 1)

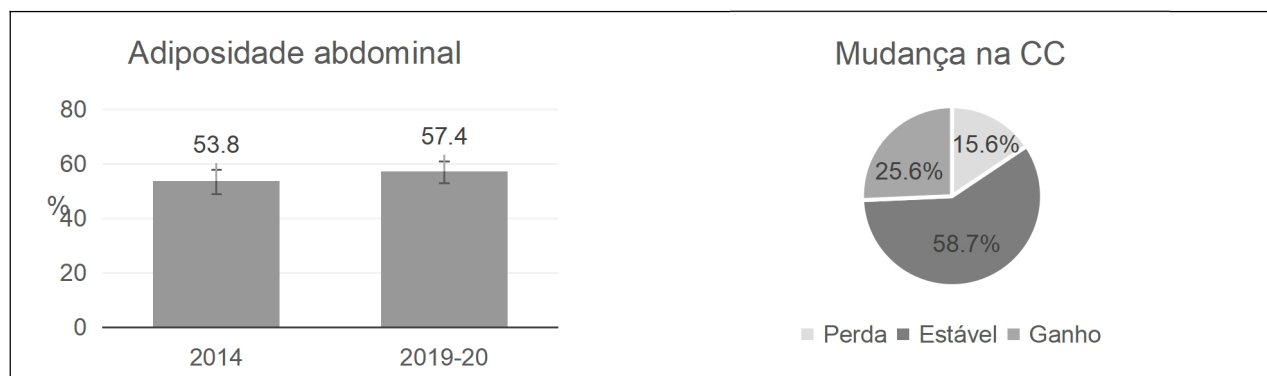


Figura 1. Categorias e mudança na adiposidade abdominal do ano de 2014 para o ano de 2019-20 de idosos do estudo COMO VAI?. (n=597)

Os achados dos estudos de ZAMBONI et al. (2013) e TESSARI et al. (2016) assemelharam-se aos resultados, em dois a quatro anos de acompanhamento, respectivamente. O primeiro identificou um aumento de 1,7% na circunferência da cintura, enquanto o segundo encontrou um aumento de 1,7% nas mulheres e 1,2% nos homens.

A mudança de adiposidade abdominal observada no presente estudo pode ser consequência de alterações fisiológicas e metabólicas inerentes ao envelhecimento (SILVEIRA et al. 2018), assim como o seu aumento está relacionado ao acréscimo de 20% a 30% na gordura corporal total e sua distribuição mais centralizada. (SANTOS et al., 2010)

Assim sendo, os achados do estudo “COMO VAI?” quanto à adiposidade abdominal neste segmento etário são de extrema importância visto que o acúmulo de tecido adiposo nesta região está associado ao desenvolvimento de diversas doenças como as cardiovasculares, diabetes, dislipidemias e síndrome metabólica. (OLINTO et al., 2006)

4. CONCLUSÕES

Observou-se a manutenção e aumento de alta prevalência de adiposidade abdominal na amostra em estudo. Ressalta-se a mudança na distribuição de gordura corporal observada entre os idosos. O estudo “COMO VAI?” contribuirá para a elucidação das tendências do processo saúde-doença-incapacidade dessa população e, assim, auxiliando no planejamento de ações e programas voltadas a esse segmento etário.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAUJO, T.A. et al. Condições de saúde e mudança de peso de idosos em dez anos do Estudo SABE*. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, 29(4): e2020102, 2020.
- BAHAT, G. et al. Observational cohort study on correlates of mortality in older community-dwelling outpatients: The value of functional assessment. **Geriatrics & Gerontology International**. 15(11):1219-1226, 2015.
- FALSARELLA, G.R. et al. Envelhecimento e os fenótipos da composição corporal. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, 17(2): 57-77, 2014.
- IBGE. **Projeção da População 2018: número de habitantes do país deve parar de crescer em 2047**. Agência IBGE notícias, 25 jul. 2018. Acessado em 23 jun.

2021. Online. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013agencia-de-noticias/releases/21837>

OLINTO, M.T.A. et al. Níveis de intervenção para obesidade abdominal: prevalência e fatores associados. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 22(6): 1207-1215, 2006.

SANTOS, A.C.O.; MACHADO, M.M.O.; LEITE, E.M. Envelhecimento e alterações do estado nutricional. **Geriatrics, Gerontology and Aging**, Rio de Janeiro, 4(3): 168-175, 2010.

SILVEIRA, E.A.; VIEIRA, L.L.; SOUZA, J.D. Elevada prevalência de obesidade abdominal em idosos e associação com diabetes, hipertensão e doenças respiratórias. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 23(3): 903-912, 2018.

TESSARI, A.A. et al. Anthropometric measures change and quality of life in elderly people: a longitudinal population-based study in Southern Brazil. **Qual Life Res.** 25(12): 3057-3066, 2016.

WHO. World Health Organization. Waist circumference and waist-hip ratio: report of a WHO expert consultation, Geneva, 8–11, 2008.

ZAMBONI, M. et al. Body composition changes in stable-weight elderly subjects: The effect of sex. **Aging Clin Exp Res**, 15(4), 321-327, 2013.